

## **FLUIDAS FRONTEIRAS, EXPERIÊNCIAS E NOVAS IDENTIDADES.**

Rafael Alves Pinto Junior<sup>1</sup>

LACAPRA, Dominick. *Historia em tránsito. Experiencia, identidad, teoria crítica*. Tradução: Teresa Arijón. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, 366 p.

O presente determina no objeto do passado o ponto onde divergem sua história anterior e sua historia posterior, a fim de circunscrever seu núcleo.

*Walter Benjamin*<sup>2</sup>

Dedicado aos seus alunos de doutorado, *Historia em tránsito: Experiencia, identidad, teoria crítica* de Dominick Lacapra tem como ponto de partida alguns fragmentos do pensamento de Georges Bataille sobre a realidade, a permanência da tragédia, a experiência traumática e a sensibilidade individual. Desse ponto de partida, Lacapra procura pensar a história como um fenômeno analítico sempre dinâmico: reconhecimento de uma condição que afeta a própria condição histórica, exigindo (re)pensar continuamente o que se entende por história, sua compreensão e sua prática. Articula-se a isto, temas que, para ele, ainda não se encontram suficientemente teorizados, tais como a relação entre a formação de identidades e os diversos entendimentos de experiência, a relação entre a percepção de acontecimentos traumáticos e a sua representação histórica, entre teoria crítica e prática historiográfica, e finalmente, entre a ação das universidades como lugar de práticas e o conhecimento que elas produzem.

Autor de livros importantes como *Rethinking intellectual history; texts, contexts, language* (1983), *History and criticism* (1985), *History and Memory after Auschwitz* (1998) e *Representing the Holocaust: History, Theory, Trauma* (1994) e atento às possibilidades das contribuições que tanto a teoria crítica quanto a psicanálise podem fazer à história enquanto disciplina, Lacapra parte do sólido reconhecimento de que os humanos estão, estruturalmente, comprometidos com um passado – não se resumindo a singularidades contingentes auto criados *ex nihilo* – e que estão submetidos às experiências que os obrigam necessariamente a estabelecer uma situação histórica e a elaborar, consigo e com os outros, esta irremediável situação. Um fenômeno que é, em suma, a raiz dos processos identitários, individuais ou sociais: tanto a experiência do historia-

---

<sup>1</sup> Professor do IFET-GO, mestre em Cultura Visual e doutorando em História na Universidade Federal de Goiás. Email: rafaeljuniorcefet@gmail.com

dor enquanto pesquisador, quanto a experiência dos que viveram no passado estão solidamente assentes sobre incontestes mecanismos emocionais e procedimentos psíquicos já elucidados pela psicanálise (como o trauma, a transferência e a elaboração). Neste sentido, a definição de experiência é polissêmica. Vai do ato de colocar uma premissa à prova e fazer ou participar de uma prática ao desencadeamento de processos traumáticos como catalisadores de um passado que não se encerra em si mesmo, mas que “invade” o presente e pode bloquear ou anular possibilidades de concretização de futuro. Exemplo disto são as pesadas heranças de fatos como o Holocausto e a escravidão: experiências que se converteram em marcas identitárias fundantes para os grupos sociais que sobrevivem com seu legado e suas conseqüências. Nesta equação, acrescenta-se o papel das posições identitárias subordinadas – como sexualidade, família, etnia, idioma e nacionalidade – e onde os debates sobre a constituição e formação de identidades geralmente implica no reconhecimento da articulação destas posições. Para ele, a formação de identidades pode ser definida como o resultado da configuração e coordenação das diversas posições dos agentes individuais no corpo social, num processo que tem uma dimensão dinâmica correspondente a sua dimensão conflitiva. O que obriga a uma mudança perpétua dos objetivos e dos pressupostos da história, principalmente na definição da temporalidade como marco estruturante na historicidade e na prática historiográfica.

Para dar conta desta dimensão conflitiva, o autor recorre a alguns conceitos fundamentais da psicanálise: aplicados à história, podem fornecer um ferramental investigativo permitindo-a ser mais auto-referente e autocrítica à análise dos problemas formulados. Nesta perspectiva, a historiografia pode ser entendida como a cura pela fala freudiana, e sua formulação de problemas como um diálogo complexo entre o passado e quem o investiga. Um dos conceitos psicanalíticos destacados por Lacapra é o da transferência. Referindo-se principalmente à tendência de repetir no próprio discurso, determinadas práticas ativas em relação ao objeto estudado. Uma tomada de consciência que requer uma reflexão capaz de rever, suplantar ou rebater nossas próprias formulações, incluindo a coragem de mudar de opinião quando necessária: inexorável fonte de angústia, apesar de valiosa, uma vez que estimula o autoquestionamento e impede que a identidade disciplinatória produza resultados ilusórios. Este entendimento dos mecanismos de transferência ajuda a compreender o caráter impregnante do trauma: um processo de identificação projetiva e incorporadora, onde a vivência da angústia corresponde ao estado traumático humano primordial. Vivência psicofisiológica que é, respectivamente, experiência física e existencial, respondendo primeiramente a um aparelho psíquico e depois a um sujeito, destacando as experiências limites como as do Holocausto, por exemplo.

A elaboração pode, no entendimento de Lacapra ser entendida como um processo articulador entre o pesquisador e as práticas sociopolíticas desempenhado por instituições – formas de vida coletiva guiadas normativamente – como as universidades. Através da elaboração, procura-se alcançar certa distância crítica dos conflitos e explorar as interações entre o passado, presente e futuro: uma maneira de focar certas dimensões da história que englobam a implicação com o objeto de estudo, que leva em consideração respostas emocionais e afetivas bem como a um descortinar de possibilidades de se chegar a um acordo com os resultados da pesquisa mediante um acordo dialógico com o passado e com quem o investiga, de uma maneira que influa sobre o presente e o futuro. Uma postura que ultrapassa qualquer postura individual e, interdisciplinariamente, abre caminhos às constantes renegociações entre teoria e prática.

Uma postura que muitas vezes não pode ser encontrada em estudos sobre o Holocausto ou outros acontecimentos extremamente traumáticos, como Hiroshima ou a França de Vichy. Podemos ver, aqui, uma dura crítica ao que ele considera versões pós apocalípticas da própria pós-modernidade. Um questionamento a Giorgio Agambem (1942)<sup>3</sup>, que vê uma “situação’ pós Auschwitz-Birkenau de dissipação ética e conceitual, onde um estado de exceção e uma situação de indiferença e embotamento mesclam-se por completo constituindo-se numa característica pós moderna.

Ainda que a totalidade da compreensão dos sentidos representados pelo dístico de *Arbeit macht frei*<sup>4</sup> continuem a nos escapar pelos dedos, o pesquisador deve se colocar, para Lacapra, num umbral radical de crítica implacável de seu presente em relação com o passado. Ainda que ao preço da morte de seus ídolos, como resultado idêntica duas reais opções: uma perspectiva mistificadora de uma identidade plena ou uma perspectiva autêntica, neoheideggeriana do humano (ou pós-humano) como pura e potencialmente relacionada com os valores preexistentes do passado. Como consequência, não dispomos de uma crítica imanente nem do passado nem do presente: encontramos-nos em um ponto zero sempre construindo uma construção que nos permita dar conta da temporalidade.

Como conclusão – entendendo por conclusão apenas a finalização do livro como último ensaio, considerando que a natureza do texto deixa-o aberto - Lacapra faz uma análise do papel que a universidade desempenha enquanto *locus* privilegiado do conhecimento no século XXI. Para ele – e referindo-se principalmente às humanidades e às ciências sociais interpretativas – a universidade como instituição, está, estará sempre e é necessário que esteja numa *crise* epistemológica, entendendo por crise um processo dinâmico de recombinação de fronteiras disciplinares e de recolocação de posições dos pesquisadores que as sustentam.

Um processo de continuada mutação em que a cristalização de posições teóricas representa, dentre outras coisas, sua estagnação.

Vale ressaltar que ele se refere às instituições norte americanas e como tais, representantes de um poderoso modelo onde as forças do mercado global são bastante intensas e que interferem diretamente nos caminhos da produção científica. Onde cabe perguntar pela real importância do estudo das humanidades no panorama geral de educação liberal. Como resposta, Lacapra identifica a necessidade da especialização dos profissionais envolvidos com a Academia, entendendo por especialização a postura relacionada com a formulação de identidades e de experiências da própria universidade: como cada um se define pelos outros, como se concebe a si mesmo e como articula as práticas individuais com as de outros setores da instituição.

Ao pensar a universidade como um local que deve ser integrado ao invés de fragmentário e segmentado, o autor observa que as ciências humanas não devem ser vistas nem como uma força política ou cultural privilegiada capaz de conduzir a sociedade a algum lugar, nem como uma torre de marfim de destaques individuais; postura crítica que explora as possibilidades conceituais que podem criar a oportunidades para outros campos de saberes. Sendo este, em resumo para ele, os objetivos de se transformar erudição em aprendizagem.

---

## NOTAS

<sup>2</sup> BENJAMIM, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 518.

<sup>3</sup> Pare ele, Agambem optou por uma perspectiva pós apocalíptica ao eliminar o entendimento do ser humano como uma dinâmica vinculante entre o corpo físico (pura existência fisiológica) e certas práticas significantes, que são éticas, sociais e políticas (2006, p. 257).

<sup>4</sup> *O trabalho liberta*, letrado sobre o portão de acesso à Auschwitz-Birkenau.